

BROKAW, Galen; GARCÍA, Pablo Loeza (Eds.). “Os Nahua: Língua e Cultura do Século XVI até o Presente” *The Nahua: Language and Culture from the Sixteenth Century to the Present*. Denver: University Press of Colorado, 2024, 313p. ISBN: 978-1-64642-577-8.

Antonio Pedro Lima Junior*

The Nahua: Language and Culture from the Sixteenth Century to the Present, editado por Galen Brokaw e Pablo García Loeza, é uma profunda exploração interdisciplinar dos Nahuas que são um grupo de povos indígenas da Mesoamérica que falam as línguas nahuatl. Eles têm uma história rica e variada, com os astecas sendo o grupo Nahua mais conhecido. Os Nahua desempenharam um papel central no desenvolvimento das civilizações mesoamericanas, especialmente durante o período pós-clássico.

Publicado pela University Press of Colorado, *The Nahua: Language and Culture from the Sixteenth Century to the Present*, reúne linguistas, historiadores, antropólogos e estudiosos da literatura para examinar a evolução linguística, cultural e social da língua náuatle e seus falantes desde o período colonial até os dias atuais.

O livro integra a série IMS Studies on Culture and Society e se destaca por sua abordagem holística. Em vez de se concentrar apenas na língua como uma entidade estática, os colaboradores investigam a dinâmica interação entre a língua e seus falantes. Como observado no prefácio por Camilla Townsend, o volume enfatiza a “sobrevivência cultural — de mudança, adaptação e ressurgimento”, destacando a agência dos falantes de náuatle ao longo da

Artigo submetido em 26 de julho de 2025 e aprovado em 31 de julho de 2025.

* Doutorando e Mestre em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professor da Rede Pública Municipal de Santo André - SP. ORCID: 0000-0003-2638-9117. País de origem: Brasil. E-mail: tonny.limasp@gmail.com.

história. Este foco reflete uma mudança deliberada de meramente documentar estruturas linguísticas para analisar as práticas sociais e culturais do povo Nahua.

Dividido em onze capítulos, o livro aborda uma ampla gama de tópicos, incluindo o desenvolvimento histórico do náuatle, suas variações sociolinguísticas, o papel dos nomes de lugares na identidade cultural e a resiliência das tradições Nahua em contextos modernos. Ao integrar documentação histórica com estudos etnográficos contemporâneos, o volume não apenas ilumina a trajetória histórica do náuatle, mas também aborda questões prementes de preservação linguística e revitalização cultural em uma era de globalização.

Os capítulos são estruturados para fornecer uma análise progressiva e complementar. A introdução do capítulo, escrita pelos editores, oferece uma visão metodológica que contextualiza o náuatle como tanto uma língua franca quanto um instrumento de resistência cultural, enfatizando sua importância histórica e contemporânea (p. 3).

Galen Brokaw e Pablo García Loaeza começam o volume delineando a trajetória dos estudos sobre os Nahua, destacando o papel do náuatle como uma ferramenta de dominação colonial e resistência cultural. Durante o período colonial, a língua foi integrada aos esforços de evangelização, resultando na produção de gramáticas e textos religiosos que moldaram profundamente sua estrutura. Eles enfatizam o papel central do náuatle como uma língua franca antes da chegada dos espanhóis, comparando-a ao latim na Europa, e ressaltam como a documentação colonial frequentemente criou uma percepção de homogeneidade linguística que não refletia a realidade fluida da prática cotidiana (pp. 4–5).

Karen Dakin, em sua análise histórica e linguística, explora as origens do náuatle dentro da família linguística uto-asteca, revelando como as migrações dos grupos Nahua contribuíram para a expansão da língua. Essas migrações resultaram em variantes regionais que refletem trocas culturais e padrões de contato social. Segundo Dakin, as transformações linguísticas observadas indicam tanto adaptação às condições locais quanto o impacto de redes sociais e

econômicas mais amplas (p. 35), uma análise essencial para compreender a evolução do náuatle em contextos diversos.

Mercedes Montes de Oca Vega examina os nomes de lugares Nahuas, enfatizando como os topônimos, frequentemente compostos por difrases, encapsulam profundos significados culturais e cosmológicos. Ela argumenta que os topônimos não são meramente descrições geográficas, mas também registros de memória coletiva que transmitem uma visão espiritual e social do mundo (p. 59). A autora apresenta essas construções linguísticas como poderosas ferramentas de identidade cultural.

Rosa H. Yáñez Rosales analisa variantes regionais do náuatle em Jalisco e Colima, revelando como essas comunidades demonstraram resiliência na preservação de suas práticas linguísticas, apesar das pressões externas. De acordo com Yáñez, as diferenças diacrônicas refletem uma interação complexa entre resistência cultural e adaptação (p. 89), ilustrando como a documentação linguística pode iluminar os desafios históricos enfrentados pelos falantes de náuatle.

Magnus Pharo Hansen se concentra na exclusão dos Nahuas da historiografia da Revolução Mexicana, argumentando que essa invisibilidade resulta de um processo mais amplo de apagamento cultural. Ele observa que a falta de documentação em náuatle reflete não a ausência dos Nahuas, mas sim a ausência de interesse institucional em preservá-los (p. 122). Essa análise crítica revela como a marginalização linguística foi empregada como uma ferramenta política para reforçar a hegemonia cultural.

John F. Schwaller explora o vocabulário associado à corrida no contexto Mexicano, destacando seu significado simbólico e ritual. Ele demonstra como essa prática linguística transcendeu o aspecto físico, representando valores espirituais e comunitários profundamente enraizados. Correr era mais do que uma atividade física; era uma expressão de coesão espiritual e social (p. 138), enfatiza Schwaller.

Mary L. Clayton aborda as estratégias empregadas pelos Nahuas para incorporar conceitos europeus em sua língua, adaptando termos estrangeiros ao

seu sistema linguístico. Para Clayton, esse processo de adaptação foi uma demonstração de criatividade cultural em um encontro transcultural, destacando a habilidade dos Nahuas em moldar novas ideias em suas tradições (p. 157).

Ben Leeming analisa um tratado religioso escrito por Fabián de Aquino em náuatle, demonstrando como conceitos cristãos foram reinterpretados por uma perspectiva indígena. Leeming observa que o texto exemplifica uma negociação cultural na qual o cristianismo foi adaptado às sensibilidades locais, criando algo totalmente novo (p. 184).

Louise M. Burkhart examina o papel dos notários Nahuas no México colonial, analisando as dinâmicas transculturais complexas nas quais esses indivíduos operavam. Ela argumenta que esses notários frequentemente navegavam tensões entre lealdades comunitárias e demandas coloniais, operando em áreas cinzentas de interação e conflito (p. 213).

Alan R. Sandstrom e Pamela Effrein Sandstrom investigam o uso de figuras de papel nas práticas de cura Nahuas, conectando essas representações a conceitos cosmológicos de equilíbrio. De acordo com os autores, essas figuras são mais do que ferramentas rituais; elas são personificações do equilíbrio cósmico (p. 233), destacando a continuidade das práticas espirituais indígenas em contextos contemporâneos.

Finalmente, Kelly S. McDonough conclui a coleção explorando o papel dos intelectuais indígenas na revitalização do náuatle. Ela enfatiza que a língua permanece um símbolo de identidade e autonomia, moldada por seus falantes para responder às pressões contemporâneas (p. 269).

Cada capítulo revela uma faceta única da história e cultura complexas dos Nahuas, oferecendo um mosaico de interpretações que enriquecem nossa compreensão sobre sua resiliência e adaptabilidade. Os autores não apenas documentam, mas também celebram a criatividade e vitalidade dos Nahuas ao longo dos séculos, tornando esta coletânea uma leitura essencial para estudiosos e entusiastas de linguística, antropologia e história cultural.

O livro *The Nahuas: Language and Culture from the Sixteenth Century to*

the Present oferece uma contribuição valiosa e abrangente ao campo de estudos Nahuas, indo além de uma abordagem puramente histórica ou linguística. Ele explora as interações complexas entre linguagem, cultura e poder ao longo dos séculos, revelando as estratégias de resiliência e adaptação empregadas pelos falantes de náuatle. Como afirmam os editores, o trabalho busca destacar não apenas a história da língua, mas as maneiras pelas quais os falantes de náuatle a moldaram e foram moldados por ela (p. 3).

Um dos principais méritos do livro reside em demonstrar a agência dos Nahuas em contextos de dominação colonial e pós-colonial. Essa perspectiva é particularmente evidente no capítulo de Kelly S. McDonough, que enfatiza que os intelectuais Nahuas resistiram ativamente às forças de assimilação, encontrando em sua língua uma ferramenta de luta e sobrevivência (p. 269). Essa afirmação ressoa com o estudo de Magnus Pharo Hansen, que revela como a exclusão linguística e cultural foi usada como um instrumento de marginalização durante a Revolução Mexicana (p. 122).

A riqueza do volume também reside em sua abordagem interdisciplinar. Camilla Townsend observa no prefácio que o livro reúne linguistas, antropólogos, historiadores e estudiosos da literatura para iluminar tanto a continuidade quanto a mudança na história Nahuas (p. xi). Essa colaboração interdisciplinar é exemplificada em capítulos como o de Alan R. Sandstrom e Pamela Effrein Sandstrom, que analisam o uso de figuras de papel como mediadores entre os mundos espiritual e material, uma prática que demonstra a continuidade das crenças cosmológicas indígenas em contextos modernos (p. 233).

Além disso, o livro não se esquivava de discutir os desafios enfrentados pela língua náuatle nos tempos contemporâneos. Karen Dakin, em sua análise linguística histórica, destaca que mudanças nos padrões de migração e contato linguístico exercem pressões adicionais sobre a sobrevivência do náuatle (p. 45). Ao mesmo tempo, John Schwaller chama a atenção para o poder das palavras nos rituais Mexicas, mostrando que a linguagem era central não apenas para a comunicação, mas também para a manifestação de significados cosmológicos (p. 138).

O livro também convida à reflexão sobre a importância da preservação cultural em tempos de globalização e homogeneização linguística. Como aponta Mercedes Montes de Oca Vega, os nomes de lugares encapsulam uma memória cultural que é essencial para a identidade Nahua, tornando sua preservação não apenas uma questão linguística, mas política (p. 60).

Assim, *The Nahua: Language and Culture from the Sixteenth Century to the Present* não é apenas um registro histórico e linguístico, mas também um chamado à ação, enfatizando a necessidade de reconhecer e valorizar as tradições indígenas como parte integrante do patrimônio cultural global. Como resumem os editores: “A história do náuatle é, em última análise, uma história de resiliência, adaptação e renovação cultural” (p. 5). É uma leitura indispensável para estudiosos e interessados na interseção entre cultura, linguagem e poder, representando uma das contribuições mais abrangentes e reflexivas ao estudo das culturas indígenas mesoamericanas.